

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA LETRA DA MÚSICA “CIDADÃO” DE LÚCIO BARBOSA

A semiotic analysis of the song lyrics “Cidadão” by Lúcio Barbosa

Paula Renata Almeida Lima¹

paula.lima@ifg.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-3297-8455>

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar do ponto de vista semiótico a letra da música *Cidadão*, de Lúcio Barbosa. Tal análise se fundamenta na teoria semiótica greimasiana, interpretada e ampliada por Barros (2005; 2011) e Fiorin (1995), principalmente. Nesse sentido, trabalhamos a noção de justiça *versus* injustiça social instaurada ao longo do texto em questão, examinando a coerência discursiva a partir de temas, figuras, programas narrativos, projeções de pessoa, espaço e tempo e das paixões que envolvem o plano de conteúdo analisado.

Palavras-chave: Cidadão. Justiça. Injustiça.

Abstract: This paper aims to analyze the lyrics of the song “Cidadão”, by the Brazilian song writer Lúcio Barbosa, through the semiotic point of view. The analysis is mainly based on the greimasian semiotic theory, interpreted and expanded by Barros (2005; 2011) and Fiorin (1995). In this sense, the notion of social justice versus social injustice, established throughout the text in question, was approached, examining the discursive coherence of themes, figures, narrative programs, projections of person, space and time and of the passions that are involved in the plan of content analyzed.

Keywords: Citizen. Justice. Injustice.

Introdução

O ponto de partida deste trabalho está centrado na compreensão da teoria semiótica discursiva. Buscamos apoio nos aspectos gerais que envolvem essa teoria, em

¹ Doutora e mestre em Letras e Linguística (2016) pela Universidade Federal de Goiás. Possui graduação em Letras - Licenciatura em Português/Espanhol (2007) e Mestrado em Letras e Linguística (2010) pela mesma Instituição. É professora de Língua Portuguesa e de Língua Espanhola no Instituto Federal de Goiás - Câmpus Cidade de Goiás. Dedicar-se a estudos voltados para questões culturais e interculturais no ensino de línguas estrangeiras e para as teorias do currículo e o processo de formação de professores.

princípio, para chegarmos à análise semiótica detalhada da letra de música *Cidadão*² de Lúcio Barbosa.

Barros (2005) afirma que a Semiótica insere-se no quadro das teorias que se (pre)ocupam com o texto, diferente de outras teorias linguísticas que, durante muito tempo, apenas se detinham à dimensão frasal por motivos diversos.

Se a Semiótica se atém ao texto, é preciso, então, entendê-lo de fato. De acordo com Fiorin (1998, p.165), “o texto é um objeto de significação”, o que implica considerá-lo um todo de sentido, dotado de uma organização específica, diferente da frase. Isso significa, portanto, dar relevo especial ao exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como uma totalidade de sentido.

Sendo assim, diferentes sistemas de signos, verbais ou não verbais, dotados de significado dentro de uma determinada cultura, podem ser considerados textos e analisados a partir das premissas semióticas, seja uma letra de música, uma fotografia, um filme, um poema, uma receita culinária, um texto sincrético, entre outros.

Barros (2005) explica que a semiótica tem por objeto o texto. Tal teoria procura, portanto, descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. Nessa perspectiva, a Semiótica deve, em primeiro lugar, preocupar-se com os sentidos do texto a partir de seu plano de conteúdo, concebido através do chamado percurso gerativo.

Diante disso, é importante salientarmos como o percurso gerativo se configura dentro do texto, trabalhando na sua construção de sentido. Barros (2005) apresenta resumidamente a noção de percurso gerativo:

- a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;
- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação. (BARROS, 2005, p. 13)

Como podemos observar, o percurso gerativo é formado por três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Para entendê-los melhor, faremos uma breve explanação sobre em que consiste cada um.

² Letra de música disponível em <<http://www.vagalume.com.br/ze-geraldo/cidadao.html>> Acesso em 01 ago. 2013.

Conforme nos esclarece Barros (2005), é preciso, para estabelecer o nível fundamental, determinar a oposição semântica a partir da qual o sentido do texto é construído. Além disso, as categorias fundamentais são também determinadas como eufóricas ou disfóricas.

Já no nível narrativo, a mesma autora explica que os elementos das oposições semânticas passam a ser assumidos como objetos de valor por um sujeito e circulam entre sujeitos, graças às suas ações também.

Fiorin (1998, p. 168) afirma, por sua vez, que “uma narrativa mínima define-se como uma transformação de estado”. Dessa forma, um sujeito está em conjunção ou em disjunção com determinado objeto de valor, dadas as mudanças em suas relações. Os valores, conforme Barros (2005, p. 25), “podem ser modais, como o dever, o querer, o poder e o saber, que modalizam ou modificam a relação do sujeito com os valores e os fazeres, ou descritivos”.

Nesse nível, apresentam-se os programas narrativos, de competência (valores modais/sujeitos distintos) ou de performance (valores descritivos/ mesmo sujeito), que revelam a dimensão sintagmática da narrativa. São eles, segundo Barros (2005), que definem um enunciado *de fazer* que rege um enunciado *de estado*, colocando o sujeito em relação de conjunção ou disjunção com um objeto de valor. Tais programas narrativos podem ser simples ou complexos e organizam-se em percursos narrativos, que podem ser do sujeito, do destinador-manipulador e do destinador-julgador. Organizados, esses percursos formam, então, o esquema narrativo.

Cortina e Marchezan (2004) sintetizam bem a trajetória que nos leva a entender esses elementos construtores do nível narrativo,

[...] No percurso narrativo tem-se um PN de performance regido por um PN de competência, o que dá origem a três diferentes formas: o percurso narrativo do sujeito, em que o sujeito adquire a competência para a realização da performance; o destinador- manipulador, em que esse actante propõe um contrato com o destinatário-sujeito para dotar-lhe de competência para a realização da performance; e o do destinador-julgador, em que esse actante julga a performance realizada pelo sujeito. No esquema narrativo, há a organização lógica dos três percursos narrativos anteriormente descritos, o que dá origem a quatro diferentes etapas: a da manipulação, a da competência, a da performance e a da sanção. (CORTINA e MARCHEZAN, 2004, p. 420-421)

Pensando nesses percursos narrativos, observamos que o texto só tem sentido a partir do “jogo de convenções” culturais que se estabelece entre sujeitos (actantes) e destinatário. Desse modo, apresentam-se as relações de manipulação dentro do discurso (provocação, sedução, intimidação e tentação) relacionadas basicamente ao sujeito do

saber e do poder, que resultarão na alteração modal do manipulado, dever-fazer, querer-fazer.

Além disso, dentro do percurso narrativo, há ainda uma fase necessária para o encerramento da organização narrativa, a sanção do sujeito, seja ela cognitiva ou pragmática, operada pelo destinador-julgador.

Para Fiorin (1998), no nível narrativo, todas essas considerações mantêm entre si uma relação de implicação recíproca. Assim, para que um sujeito possa executar uma ação, é preciso que ele saiba e possa fazê-lo, isto é, seja competente para isso, e, ao mesmo tempo, queira e/ou deva fazê-lo. Não podemos, entretanto, ignorar o estudo das paixões dentro da semiótica e, mais especificamente, no nível narrativo. Por isso, faremos uma breve abordagem desta temática, uma vez que o espaço deste artigo não é capaz de tratá-la de modo amplo e aprofundado.

Barros (2005; 2011), pautada nos estudos de Greimas e Fontanille (1993), explica que o estudo das paixões em semiótica se deu a partir do exame das modalizações do ser ou do modo de existência dos sujeitos, de suas combinações e compatibilidades, que produzem efeitos de sentido passionais. Esta estudiosa considera, ainda, que na narrativa um sujeito ocupa diferentes posições passionais, passando de estados de tensão e disforia a estados contrários, isto é, de relaxamento e euforia e vice-versa.

Ademais, as paixões podem ser simples ou complexas, dependendo da complexidade do percurso narrativo. Assim, as paixões simples resultam de um único arranjo modal, que modifica a relação entre o sujeito e o objeto-valor; enquanto as complexas são efeitos de uma configuração de modalidades, que se desenvolve em vários percursos passionais (BARROS, 2005).

O que podemos observar, de modo geral, é que as paixões estão intrinsecamente relacionadas à organização da narrativa e é através delas que os sujeitos se modificam, ou melhor, modificam seu “estado de alma” (paixão), ora por amor, amizade, estima, simpatia, ora por inveja, mesquinhez, amargura, entre outras paixões.

Já o nível discursivo, de acordo com Barros (2005), deve ser examinado do ponto de vista das relações entre instância da enunciação, responsável pela produção e comunicação do discurso, e o texto-enunciado. Assim, os valores narrativos passam a ser vistos como temas e podem se concretizar por meio de figuras.

Essa autora também explica que “as estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas quando assumidas pelo sujeito da enunciação” (BARROS, 2005, p.

53). Esse sujeito projeta o discurso com base em suas escolhas, considerando, pois, o efeito de sentido que pretende produzir.

Desse modo, categorias de espaço, tempo e pessoa são projetadas no discurso e são elas, também, que, dentro do discurso, criam as noções de proximidade ou distanciamento da enunciação ou noções de realidade ou referente.

No nível discursivo, a enunciação aparece com mais destaque. É, pois, nesse nível que podemos avaliar/analisar melhor e a partir de uma perspectiva ideológica determinado discurso, seja pelos procedimentos de argumentação, pela escolha dos temas e figuras, seja pela análise das categorias de espaço, tempo e pessoa.

Assim, tomando por base os construtos teóricos da semiótica discursiva, partimos para a análise semiótica do referido texto, na tentativa de explicar, por meio das estruturas fundamentais, programas narrativos, exame das paixões e das estruturas discursivas o que esta letra “diz e como faz para dizê-lo” (BARROS, 2005).

A análise está organizada em três partes, considerando cada nível constituinte do percurso gerativo: a (in)justiça social e as temáticas desenvolvidas em *Cidadão*; os sujeitos, o espaço e o tempo na construção do discurso e as transformações de estado e as paixões.

A (in)justiça social e as temáticas desenvolvidas em *Cidadão*

Ao observarmos a letra da música *Cidadão*, podemos dar destaque à oposição fundamental que a compõe (justiça x injustiça) por entendermos que, no nível das estruturas fundamentais, devemos considerar a oposição semântica acerca da qual o texto foi construído (BARROS, 2005). Tal oposição permitirá o desenvolvimento de temas variados, que se concretizarão através de figuras e sobre os quais trataremos de modo mais apurado adiante.

Temos, então, a partir de *Cidadão*, a seguinte oposição:

justiça social x injustiça social

Podemos observar isso em diferentes momentos ao longo do texto: “Tá vendo aquele edifício, moço?” / “Ajudei a levantar” / “Eu nem posso olhar pro prédio” / “Que eu ajudei a fazer” / “Tá vendo aquele colégio, moço?” / “Eu também trabalhei lá” / “Mas me diz um cidadão” / “Criança de pé no chão” / “Aqui não pode estudar”.

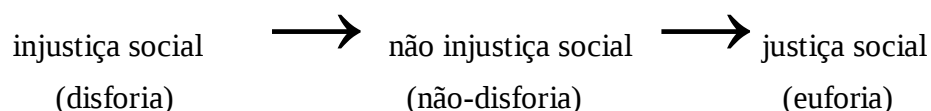
O sujeito “eu” manifesta sua indignação diante do fato de não alcançar êxito ou o mínimo valor em relação a seu trabalho e se sente injustiçado, uma vez que tem feito tudo

o que pode na ilusão de conseguir uma vida digna. Mesmo assim, a posição que ocupa frente à sociedade o impede, a todo o momento, de conseguir uma vida digna como cidadão.

Desse modo, paulatinamente, as injustiças sociais levam o “eu” à desilusão com a vida e com a sua condição. Ele percebe que nos grandes centros urbanos não existe justiça e que sua vida é pior que antes, quando ainda vivia no Norte do país, região marcada pelo seu baixo desenvolvimento econômico, quando comparada às regiões Sul e Sudeste do Brasil.

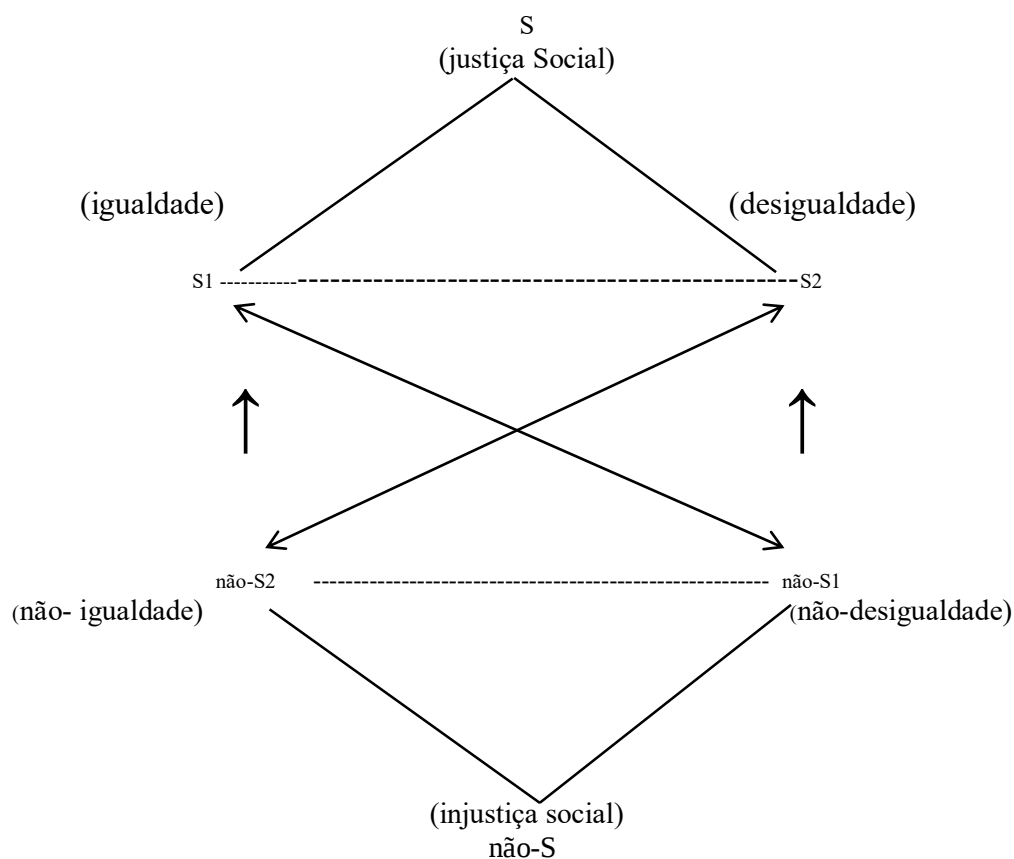
Além disso, observamos, ainda, que tal estrutura fundamental vai do disfórico para o eufórico, pois o eu lírico nota que, mesmo esperançoso de que terá bons resultados se trabalhar com esforço e de que poderá desfrutar de direitos iguais a todos os cidadãos, independente de classe social, não se realizará conforme o “cidadão” lhe enfatiza. De acordo com a letra da música, o único lugar em que encontrará tratamento igualitário é na igreja, a qual, também, ajudou a construir. Assim, a justiça social configura-se como eufórica e a injustiça social como disfórica.

Temos, então, o seguinte percurso entre os termos:



No início das duas primeiras estrofes, o sujeito “eu” demonstra suas expectativas em relação à esperança de ter direitos plenos, os quais seriam adquiridos através do trabalho duro, honesto e digno. Entretanto, sempre vem um “cidadão” que lhe chama a atenção para o fato de que ele não pode ter o que quer simplesmente por haver trabalhado em determinado lugar, no caso específico do texto, na construção do edifício e, depois, na construção do colégio, configurando o caráter negativo (disforia) a partir de tal impossibilidade. Por último, porém, o “eu” alcança o estado positivo, quando reconhece na igreja o único lugar em que é tratado com igualdade/justiça.

Vemos, aqui, na oposição semântica analisada, a categoria de base do texto, a qual só poderá ser entendida em sua complexidade ao trabalharmos os níveis narrativo e discursivo. Contudo, podemos também perceber como essa categoria de base se apresenta a partir do seguinte quadrado semiótico:



Temos o primeiro eixo: S1 + S2 e não-S1 + não-S2, indicando contrariedade; o segundo eixo: S1 + não-S1 e S2 + não-S2, indicando contradição; S1 + não-S2 e S2 + não-S1, indicando complementaridade; e o terceiro eixo: S e não-S, indicando complexidade e neutralidade, conforme o que nos explicam Cortina e Marchezan (2005).

Analisando as relações que se estabelecem de contrariedade, contradição, complementaridade e complexidade e neutralidade, é possível abrir caminhos para outros temas que compõem o texto em questão. Temos, então, a possibilidade de fazer várias leituras temáticas a partir de *Cidadão*:

a) falta de cidadania³, no sentido amplo da palavra;

O título da música já chama a atenção para a questão da cidadania. Quem é o cidadão que tem seus direitos plenamente garantidos? Poderíamos afirmar que é o trabalhador honesto? Este teria, realmente, direito ou condições de viver dignamente na

³ Condição de quem possui direitos civis, políticos e sociais, que garante a participação na vida política, conforme Dicionário online de Português. Disponível em< <https://www.dicio.com.br/cidadania/>> Acesso em: 14 dez 2020.

sociedade brasileira capitalista? Ou o cidadão é apenas aquele que chega para o “eu” e o conscientiza de sua impossibilidade de ter acesso aos espaços que ajudou a construir?

Esses questionamentos constituem uma constante ao longo da trajetória narrada pelo “eu” e revelam a negação da real cidadania a trabalhadores simples que fazem parte da classe baixa e assalariada do país.

b) condições de trabalho precárias na construção civil dos grandes centros urbanos, principalmente na década de 1980, quando a letra foi composta; Embora saibamos que as condições de trabalho na construção civil tenham melhorado nos dias atuais, nem sempre foi assim. O trabalho nessa área requer muito esforço físico e ainda é predominantemente executado por homens.

c) difícil acesso ao local de trabalho, em virtude da precariedade do transporte público;

Depender do transporte público no Brasil, em geral, salvo raras exceções, é sinônimo de dificuldades e transtornos. Além do preço alto das passagens, é preciso enfrentar trajetos exaustivos, tumulto e lotação. Tudo isso, leva ao desgaste do trabalhador, não somente da construção civil, mas de qualquer área profissional, que levanta muito cedo para não se atrasar para o trabalho, e nem sempre consegue chegar a tempo.

d) discriminação social, que se configura na aparência que a pessoa tem ou no seu nível de instrução;

A discriminação social é uma realidade que pode ser observada em vários contextos da vida cotidiana. A baixa escolaridade, a vestimenta, o trabalho desempenhado podem sugerir e suscitar preconceitos e até desconfianças em relação à idoneidade de determinada pessoa.

e) depressão e alcoolismo motivados pela falta de oportunidades na sociedade capitalista;

O que vemos, muitas vezes, são famílias que convivem com o problema da depressão e/ou do alcoolismo em seus lares. Em muitos casos, problemas como esses são motivados pela falta de oportunidades na sociedade em que vivemos. O álcool acaba se

tornando uma fuga para os problemas financeiros e a depressão a doença psicológica que aflige a sociedade moderna, dados tantos conflitos sociais existentes.

- f) falta de oportunidades para que crianças pobres (“de pé no chão”) estudem em colégios de qualidade;

Embora o acesso à educação tenha sido ampliado, na maioria das vezes, crianças pobres não têm acesso a escolas de qualidade. O sistema público ainda sofre com a falta de professores e com o fato de muitos não serem licenciados nas disciplinas em que atuam. Falta, também, estrutura adequada para propiciar ensino de qualidade, uma vez que grande parte das escolas públicas brasileiras ainda não conta com bibliotecas e recursos tecnológicos, como laboratórios de informática e internet banda larga, conforme apontamentos feitos pelo Censo Escolar 2018, em pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2019). Desse modo, aos pertencentes às classes privilegiadas, resta pagar caro por escolas privadas.

- g) problemas migratórios;

Pessoas saem de regiões menos desenvolvidas, neste caso específico de *Cidadão* a região Norte, em virtude da seca (como podemos observar em no trecho: “Por que que eu deixei o norte/ Eu me pus a me dizer/ Lá a seca castigava mas o pouco que eu plantava /Tinha direito a comer”) e buscam oportunidades de ascensão financeira em grandes centros urbanos, mas têm suas expectativas frustradas.

- h) Religiosidade;

A igreja aparece como espaço de igualdade de direitos, no qual todos, independente de classe social, são recebidos.

- i) resignação frente às injustiças sociais, visto que o maior ícone da representatividade cristã (Cristo) as sofreu.

O aspecto cultural religioso aparece com grande força, fazendo-se menção à igreja e a Cristo. Existe certo conforto em saber que mesmo o filho de Deus, na concepção do Cristianismo, passou por várias dificuldades e divergências sociais. Se com ele foi assim, é natural, então, que com outros seres humanos aconteça o mesmo.

A partir dos temas, podemos observar, também, as figuras, que, de acordo com Barros (2005), trabalham no sentido de fazerem reconhecidas as “imagens do mundo”, tornando o discurso passível de credibilidade e verdade.

Desse modo, podemos dizer que a figura que bem representa o discurso em *Cidadão* é o trabalho, iconizado no edifício, no colégio e na igreja, construídos por meio do esforço do “eu” e vistos como produto de seu sacrifício. Esses elementos propiciam a ilusão de realidade aos fatos narrados.

Essa combinação entre temas e figura resulta, por sua vez, no que chamamos de isotopia. Deslocado do seu campo original, a Física, esse termo, de acordo com Greimas e Courtés (2008), é um conceito que designa a homogeneidade que pode ser encontrada na análise de duas ou mais unidades comparáveis entre si. Bertrand (2003), configura-se na recorrência de um elemento semântico no desenvolvimento sintagmático de um enunciado, que se caracteriza pela continuidade e permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso.

Os sujeitos, o espaço e o tempo na construção do discurso

No nível discursivo, podemos ampliar a interpretação do texto *Cidadão*. É nesse momento da análise que podemos verificar quem é de fato o sujeito “eu” e os sujeitos da manipulação e quais suas intenções, os efeitos de sentido que geram ao longo do discurso produzido. Dessa forma, levaremos em consideração, também, categorias de espaço, tempo e pessoa a partir da enunciação.

Barros (2005, p. 53) explica que “as estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas quando assumidas pelo sujeito da enunciação”. Esse sujeito projeta o discurso com base em suas escolhas, considerando, pois, o efeito de sentido que pretende produzir.

Desse modo, categorias de espaço, tempo e pessoa são projetadas no discurso e são elas, também, que, dentro do discurso, criam as noções de proximidade ou distanciamento da enunciação ou noções de realidade ou referente.

Nesse sentido, podemos avaliar/analisar melhor e a partir de uma perspectiva ideológica determinado discurso pela análise das categorias de espaço, tempo e pessoa que se apresentam em *Cidadão*.

Em relação às projeções de tempo, podemos afirmar que o discurso se constrói, em sua maior parte, no passado, ora manifestado no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito, ora no presente atemporal para reproduzir falas ou situações habituais⁴.

Já o espaço é projetado nos lugares que ajudou a construir (o edifício, o colégio e a igreja) bem como na referência que faz ao Norte. Os primeiros podem ser caracterizados pelo traço urbano, provavelmente, grandes cidades; já o Norte diz respeito ao lugar de onde o “eu” saiu.

Em *Cidadão*, vários recursos são utilizados para criar-se a ilusão de verdade e de proximidade com o leitor.

O narrador projetado aparece em primeira pessoa do singular, propiciando o efeito de subjetividade (“**Ajudei** a levantar”/ Depois dele pronto, **olho** pra cima e **fico** tonto”/ “**Eu** também **trabalhei** lá/ Lá **eu** quase **me arrebento**/ **Pus** a massa, **fiz** cimento/ **Ajudei** a rebocar”/ “**Pus** o sino e o badalo/ **Enchi** minha mão de calo/ Lá **eu trabalhei** também”.

Além disso, a reprodução da fala da filha, na 2ª estrofe, também acentua o efeito de proximidade da enunciação, dando evidência para a ilusão de realidade que se quer criar.

Constatamos, ainda, que os sujeitos da manipulação têm o poder da palavra no discurso, suas falas aparecem entre aspas e são bem claras. Primeiro um cidadão, (“Mas me chega um cidadão/E me diz desconfiado, ‘tu tá aí admirado/ Ou tá querendo roubar?’/ Mas me diz um cidadão/ ‘Criança de pé no chão/ Aqui não pode estudar’”) e, depois, Cristo (“Rapaz deixe de tolice/ Não se deixe amedrontar/ Fui eu quem criou a terra”).

Em *Cidadão*, a todo o momento, os sujeitos-manipuladores investem na persuasão do “eu”.

Nas duas primeiras estrofes, o sujeito-manipulador “cidadão” faz o “eu” crer e saber que, pela condição social que possui, jamais terá acesso ao edifício ou ao colégio que ajudou a construir.

Na última estrofe, Cristo, como sujeito-manipulador, quer fazer o “eu” crer e aceitar sua condição, uma vez que não é possível, segundo o que afirma, ter seus direitos realmente garantidos como forma de justiça, pois nem mesmo ele, o próprio Cristo, conseguiu ser aceito por todos.

⁴ Fiorin (2010) explica que o tempo linguístico se organiza em relação ao momento da enunciação. Dessa forma, o autor aplica ao momento da enunciação a categoria topológica *concomitância* vs *não-concomitância*, obtendo três tempos de referência: presente, pretérito e futuro em relação ao momento da enunciação.

Observamos que os sujeitos, o tempo e o espaço que marcam a enunciação dentro do discurso, em *Cidadão*, aparecem de modo a integrar os fatos e aproximá-los da realidade, por meio de uma narrativa coerente.

Para entendermos melhor como a narrativa se compõe em *Cidadão*, verificaremos, adiante, como se dão as transformações de estado do sujeito por meio de programas narrativos, os quais organizam todo o percurso narrativo, e por meio das paixões que modificam a relação entre o sujeito e o objeto de valor.

As transformações de estado e as paixões

Trabalhamos, nesta seção, a partir dos programas narrativos para melhor visualização das estruturas narrativas. Assim, mostraremos os programas que se apresentam em cada estrofe da letra da música *Cidadão* e discutiremos pouco a pouco os valores assumidos pelos sujeitos bem como as paixões que direcionam tais valores.

Na primeira estrofe, temos os seguintes programas narrativos:

PN1 (levantar edifício) – $[S1\text{trabalho} \rightarrow S2\text{ eu} \cap Ov\text{ (construção do edifício)}]$

PN2 (sentir aflição) – $[S1\text{tempo} \rightarrow S2\text{ eu} \cap Ov\text{ (aflição)}]$

PN3 (olhar o prédio) – $[S1\text{cidadão} \rightarrow S2\text{ eu} \cup Ov\text{ (edifício)}]$

PN4 (ter desconfiança) – $[S1\text{cidadão} \rightarrow S2\text{ eu} \cup Ov\text{ (prédio)}]$

PN5 (perder o dia) – $[S1\text{cidadão} \rightarrow S2\text{ eu} \cap Ov\text{ (tristeza)}]$

PN6 (querer beber) – $[S1\text{tristeza} \rightarrow S2\text{ eu} \cap Ov\text{ (bebida)}]$

PN7 (sentir tédio) – $[S1\text{observação do prédio} \rightarrow S2\text{ eu} \cup Ov\text{ (resultado do trabalho/prédio)}]$

A partir destes programas narrativos podemos observar de modo mais concreto como os elementos da estrutura fundamental aparecem. O jogo *justiça vs injustiça social* aparecem claramente na composição de tais programas.

Podemos dizer que o sujeito “eu” é manipulado por intimidação pelo sujeito “cidadão”, que o faz perceber sua impossibilidade de alcançar êxito ou mesmo de compartilhar do espaço que ajudou, por meio do trabalho, a construir. Os programas narrativos 3, 4 e 5 evidenciam essa ideia. Ou seja, o sujeito “eu” não pode estar em conjunção com o objeto de valor edifício/prédio, uma vez que sua condição social não

lhe permite isso. Caso tente fazê-lo, pode ser visto com desconfiança, como alguém que está querendo roubar.

Somente no programa narrativo 1 o “eu” tem acesso, isto é, entra em conjunção com o edifício, já que o ajudou a construir, mas o sujeito do fazer é o trabalho, somente como trabalhador da construção é que pode fazê-lo.

O sujeito “eu” também fala de tempos difíceis (PN2) que o fazem entrar em conjunção com a aflição, dadas as dificuldades que tinha para chegar ao trabalho, afinal “Eram quatro condução/ Duas pra ir, duas pra voltar”. Expressa-se, aqui, o esforço que tinha que fazer para chegar até o local de trabalho.

Em virtude da situação humilhante que vive, nos programas narrativos 6 e 7, notamos vontade e sentimento do “eu”. Primeiro, tem vontade de beber por estar triste. Tal tristeza o faz entrar em conjunção com a bebida, seu único refúgio. Em seguida, sente tédio porque não pode nem mesmo observar o prédio, resultado de seu trabalho.

Na segunda estrofe, apresentam-se os seguintes programas narrativos:

PN8 (construir colégio) – [S1trabalho $\rightarrow$ S2 eu $\cap$ Ov (construção do colégio)]

PN9 (sacrificar-se no trabalho) – [S1obra $\rightarrow$ S2 eu $\cap$ Ov (trabalho duro/braçal e fatigante)]

PN10 (estudar no colégio) – [S1filha $\rightarrow$ S2 eu $\cap$ Ov (sonho de estudar no colégio)]

PN11 (não estudar no colégio) – [S1cidadão $\rightarrow$ S2 eu $\cup$ Ov (possibilidade da filha estudar no colégio)]

PN12 (não estudar no colégio) – [S1pé no chão $\rightarrow$ S2 filha $\cup$ Ov (com o sonho estudar no colégio)]

PN13 (sentir dor) – [S1cidadão $\rightarrow$ S2 eu $\cap$ Ov (dor forte)]

PN14 (sentir arrependimento) – [S1eu $\rightarrow$ S2 eu $\cap$ Ov (arrependimento por deixar sua terra)]

PN15 (ter comida) – [S1plantação $\rightarrow$ S2 eu $\cap$ Ov (direito a comer)]

Mais uma vez o sujeito de estado “eu” se vê em situação de esperança através do trabalho. Por ajudar a construir o colégio, o “eu” acredita que a filha algum dia poderá realizar o sonho de estudar lá. Assim, no programa narrativo 8, o trabalho faz o “eu” entrar em conjunção com a construção do colégio. Tal trabalho efetiva-se de modo duro como podemos ver em “Lá eu quase me arrebento /Pus a massa fiz cimento/

Ajudei a rebocar” (PN9). Tal ação leva o “eu” a acreditar que pode concretizar o sonho filha (PN10). Contudo, o “cidadão” o coloca em disjunção com essa possibilidade (PN11), dada sua condição social conforme apresentado no texto: “Criança de pé no chão /Aqui não pode estudar” (PN12). A manipulação se dá, outra vez, por intimidação do “eu” por parte do cidadão.

Essa situação coloca o sujeito de estado “eu” em conjunção com sentimentos de dor e de arrependimento por ter saído de sua terra natal (PN 13 e 14). Nesse momento o “eu” se lembra de como era a vida no Norte, que apesar de difícil, em virtude da seca, ainda lhe dava o direito de comer o que plantava. Sendo assim, a plantação faz o “eu” entrar em conjunção com a comida, elemento básico de sobrevivência, conforme a letra nos diz: “Esta dor doeu mais forte/ Por que que eu deixei o norte/ Eu me pus a me dizer/ Lá seca castigava, mas o pouco que eu plantava/Tinha direito a comer”.

A terceira estrofe pode ser analisada a partir dos seguintes programas narrativos:

PN16 (construir a igreja) – [S1trabalho → S2 eu ∩ Ov (sino e badalo)]

PN17 (construir a igreja) – [S1trabalho → S2 eu ∩ Ov (calos nas mãos)]

PN18 (ter acesso à igreja) – [S1igreja → S2 eu ∩ Ov (rituais da igreja)]

PN19 (poder entrar na igreja) – [S1padre → S2 eu ∩ Ov (igreja)]

PN20 (escutar Cristo) – [S1Cristo → S2 eu U Ov (medo)]

PN21 (escutar Cristo) – [S1Cristo → S2 eu ∩ Ov (criações da Terra)]

PN22 (escutar Cristo) – [S1Cristo → S2 eu ∩ Ov (Justiça)]

PN23 (escutar Cristo) – [S1Cristo → S2 eu ∩ Ov (realidade injusta)]

PN24 (entender a realidade injusta) – [S1Cristo → S2 eu ∩ Ov (aceitação de situações injustas)]

Finalmente, o sujeito “eu” consegue ver seu trabalho recompensado. Ao construir a igreja, descobre que lá, sim, poderá ter seu lugar garantido, independentemente de sua posição social.

Nessa estrofe, percebemos que a manipulação se dá por sedução. Para convencer o “eu” de que a realidade é mesmo difícil e desigual, Cristo lhe fala da rejeição que sofre, mesmo sendo o criador de toda a Terra.

Nos programas narrativos 16 e 17, o sujeito do fazer “trabalho” põe o “eu” em conjunção com o sino e o badalo, usados na construção da igreja e com os calos que tem nas mãos. Por ter acesso à igreja, esta o coloca em conjunção com seus rituais (quermesses

e novenas) (PN18). Além disso, o padre dá abertura para que o acesso a esse espaço seja livre para o “eu” (PN19).

A partir desse momento, nos programas narrativos de 20 a 24, o “eu” pode escutar Cristo. Este, por sua vez, coloca-o em disjunção com o medo e em conjunção com suas criações (rio, serra), com as situações de justiça e injustiça vividas pelo próprio Cristo, o qual tudo criou, de acordo com o texto, mas mesmo assim não é aceito pela maioria dos homens: “Fui eu quem criou a terra/ Enchi o rio, fiz a serra/ não deixei nada faltar/ Hoje o homem criou asas/ E na maioria das casas/ Eu também não posso entrar”.

Os programas narrativos nos mostram passo a passo como a estrutura narrativa foi construída.

Pensando nesses percursos narrativos, observamos que o texto só tem sentido a partir do “jogo de convenções” culturais que se estabelece entre sujeitos (actantes) e destinatário. Desse modo, apresentam-se as relações de manipulação dentro do discurso de *Cidadão* (intimidação, sedução) relacionadas basicamente ao sujeito do saber e do poder, que resultarão na alteração modal do manipulado, dever-fazer, querer-fazer.

Para Fiorin (1995), no nível narrativo, todas essas considerações mantêm entre si uma relação de implicação recíproca. Assim, para que um sujeito possa executar uma ação, é preciso que ele saiba e possa fazê-lo, isto é, seja competente para isso, e, ao mesmo tempo, queira e/ou deva fazê-lo.

Falta, contudo, para fechar essa organização de programas, fazer saber qual sanção se dá ao sujeito, analisando o percurso do destinador-julgador. Segundo Barros (2005), a sanção do sujeito pode ser cognitiva ou pragmática e é operada pelo destinador-julgador.

Temos, em *Cidadão*, o que chamamos de sanção pragmática, uma vez que, orientado pela fé cristã-católica, o sujeito “eu” recebe uma recompensa, consegue ser tratado com justiça em um dos lugares em que trabalhou, ajudou a construir. Esse lugar é a igreja, onde ele é tratado com respeito e igualdade.

Ademais, podemos determinar a paixão ou as paixões que levam o sujeito a se modificar. Barros (2005; 2011), pautada nos estudos de Greimas e Fontanille (1993), explica que o estudo das paixões em semiótica se deu a partir do exame das modalizações do ser ou do modo de existência dos sujeitos, de suas combinações e compatibilidades, que produzem efeitos de sentido passionais. Esta estudiosa considera, ainda, que na narrativa um sujeito ocupa diferentes posições passionais, passando de estados de tensão e disforia a estados contrários, isto é, de relaxamento e euforia e vice-versa.

No caso de *Cidadão*, frente às injustiças sociais que o “eu” sofre ao longo da narrativa explicitada, podemos afirmar que os “estados de alma” do sujeito se modificaram ora por frustração e indignação, quando se vê impedido de viver como cidadão verdadeiramente, com seus direitos garantidos, ora por passividade e confiança em Deus. Afinal, o “eu” mostra-se pacífico diante das situações injustas que vive e tem na sua fé a recompensa que espera.

Sendo assim, é possível afirmar que embora frustrado, o “eu” também, de alguma forma, está satisfeito. Ele julga os outros como maus, mas não diz quem são e nem deixa claro se faria o mesmo, isto é, se praticaria as mesmas injustiças que tanto condena. Ao agir assim, deixa aparecer o despeito que sente, outra paixão que podemos pontuar em seu discurso. O “eu” acusa “os outros” a partir da representação do não-mau, própria do cristianismo. Do ponto de vista dele, os outros são maus, porém ele está acima de todos os outros por ser bom, de acordo com suas prerrogativas.

O que podemos observar, de modo geral, é que as paixões estão intrinsecamente relacionadas à organização da narrativa e é através delas que os sujeitos se modificam, ou melhor, modificam seu “estado de alma” (paixão).

Considerações finais

A análise semiótica da letra de música *Cidadão* deixou evidenciada a situação de injustiça social relegada ao sujeito “eu” do discurso, o qual, na tentativa de desabafar e expor seu problema social, consegue organizar uma narrativa coerente que nos faz entender a oposição justiça social x injustiça social.

Tal coerência textual e discursiva se dá por meio das escolhas acertadas das projeções de pessoa, tempo e espaço, pelos procedimentos de argumentação e escolha dos temas e figuras que compõem o discurso frustrado do “eu” trabalhador e injustiçado, fazendo que o leitor se aproxime da temática/problemática que se quis ressaltar.

Diante disso, podemos afirmar que todos os elementos mencionados e analisados neste trabalho contribuíram para a organização do todo discursivo de *Cidadão*, produzindo efeitos de sentidos que deixam entrever a dura realidade em que vivem inúmeros trabalhadores em nossa sociedade, os quais não têm seus mínimos direitos garantidos, embora se esforcem para isso.

Referências

BARROS, D. L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. 4ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2005.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. São Paulo: Edusc, 2003.

_____. A construção discursiva dos discursos intolerantes. In: BARROS, D. L. P. de (Org.). *Preconceito e intolerância; reflexões linguístico-discursivas*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2011. p. 255-270.

CORTINA, A.; MARCHEZAN, R.C. Teoria semiótica: a questão do sentido. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Org). *Introdução à Linguística – fundamentos epistemológicos*. v. 03. São Paulo: Cortez, 2005. p. 393-438.

FIORIN, J. L. A noção de texto na semiótica. (1995), disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29370>> Acesso em 03 ago. 2013.

_____. FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2010.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões. Dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Notas estatísticas: Censo Escolar 2018*. Brasília: MEC, 2019. Disponível em:< https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf> Acesso em: 5 nov 2020.

Recebido: 16 de novembro de 2020

Aprovado: 12 de dezembro de 2020